Ano XIV — Lisboa, Julho de 1958 — N.º 159

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

CASCAS DE LARANJA

Se os Escoteiros praticam diàriamente uma boa acção e os Lobitos, na sua infantil candura, manifestam também desejo de em cada dia prestar um pequeno serviço a alguém; Velho Lobo, conhecedor de hábitos de lobitos e de lobos, assevera que, na generalidade, esses propósitos são observados, com certo rigor, até se transformarem em hábitos naturais. Testemunhem isto os Antigos Escoteiros e digam se ainda hoje — tantos anos volvidos! — lhes é possível passar despreocupadamente por casca de laranja abandonada no passeio sem repetir o clássico gesto escoteiro de a desviar para a valeta, costume radicado nos velhos tempos, quando essa acção era recurso providencial nos dias em que tardava outra oportunidade para mais expressivo acto.

Apetece-nos mesmo fazer a pergunta: Quantos milhares de cascas de laranja terão os escoteiros retirado das calçadas das vilas e cidades de Portugal neste quase meio século de actividade? A pequenina boa acção poderá parecer inocente, sem significado, mas terá decerto impedido quedas desastrosas, origem de sofrimento, de dor, de incapacidade para o trabalho.

Estes pequenos gestos, tão sàbiamente inspirados pelo Escotismo, têm sempre um profundo sentido educativo, que escapa ao observador menos atento. Se educar é formar hábitos, o rapaz, ao adquirir o útil costume de retirar do passeio as cascas de fruta, não só radica no seu espírito o salutar princípio da *boa acção*, veículo de mais amplas realizações, mas, também, nunca mais ousará lançar à via pública tão perigosos detritos. Parece-nos que uma campanha desta natureza, baseada no princípio activo do *faz*, ignorando o inoperante *não faças*, deveria ser lançada simultâneamente por todas as escolas e instituições educativas do país, para que pudesse ser extinguido o espectáculo pouco dignificante das artérias das nossas cidades cobertas de lixo. Que bonito seria ver a mocidade, sempre generosa, preocupada com o asseio das urbes e velando pela segurança dos mais velhos.

Talvez fosse difícil acabar definitivamente com aquele uso. Há quem possua o sádico prazer de lançar cascas de laranja e se divirta com o espectáculo das escorregadelas alheias. E assim como as pequenas boas acções formam almas sãs, as pequeninas maldades também paulatinamente pervertem o carácter e geram a insensibilidade da consciência. Por isso, encontra-se muito quem julgue actividade digna estar constantemente à espreita do momento propício para lançar rasteirinha a casca de laranja, que irá provocar o traiçoeiro estenderete.

Olhai as partidas do mundo, espreitai repartições e oficinas, observai escolas e seus exames, apreciai as diversas actividades humanas, e haveis de fixar repetidos sorrisos de maldade daqueles que se deleitam na contemplação dos trambolhões do próximo.

Que os escoteiros de todas as idades — novos e antigos — persistam resolutamente na generosa tarefa de arredar dos caminhos da vida as cascas de laranja subtilmente para ali lançadas. E, se não puderem intervir a tempo de evitar a queda, estendam ainda os braços leais para ajudar a erguer aqueles que não puderam ou não souberam arredar o perigo. Onde estiver um Escoteiro esteja um Homem que mereça confiança, sempre pronto a servir de arrimo a todos que tropecem, seja quem for e venha de onde vier.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

ENCERROU A CAMPANHA DE ASSINATURAS

Centenário de Baden-Powell

Encerrou em 30 de Junho findo a campanha de assinaturas que vínhamos desenvolvendo. Não podemos afirmar que esta campanha não tenha sido muito útil para o «Sempre Pronto», visto que entraram 148 novos assinantes. É certo que durante este período outros assinantes desistiram, mas, no entanto, ficou um interessante saldo que muito tem contribuído para equilibrar a situação financeira.

«Sempre Pronto», e todos os que nele trabalham, expressam o seu agradecimento aos Amigos que cooperaram nesta iniciativa. Não quer isto dizer que de hoje para o futuro dispensemos a colaboração para conseguir novas assinaturas. Pelo contrário, afirmamos a todos que se interessam pelo jornal que esta é uma das formas mais simpáticas de manifestar apreço pelo «Sempre Pronto».

Na terça-feira, dia 29 de Julho, às 21.30 horas, na sede da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, Rua de S. Paulo, 254, 1.º, realizar-se-á o sorteio da Viagem a Madrid, entre todos os proponentes da Campanha de Assinaturas. Conforme as condições do Concurso, publicadas em Junho de 1956, o sorteio será feito com os 500 números do alvo proposto para a Campanha. Se o prémio sair além do número 148 — ou seja o total de assinaturas propostas — reverterá a favor do fundo para nova campanha de assinaturas.

O sorteio será presidido pelo Administrador do «Sempre Pronto», na presença de um delegado da Fraternal e de um representante dos assinantes e de todos os leitores que desejarem assistir ao acto.

Na mesma altura, serão entregues ou remetidos os seguintes prémios do Concurso:

Prémio de 2 assinaturas angariadas — 1 ex. da obra do Prof. António A. Dória, «Desporto, Cinema e Educação»:
Sr. José Dionísio dos Santos, de Lisboa.
Sr. Francisco S. Maurício, de Faro.
Sr. José de Jesus Ferreira, de Lisboa.

Prémio de 5 assinaturas angariadas — Um apito de escoteiro:
Sr. Francisco S. Maurício, de Faro.

Prémio de 10 assinaturas angariadas — 1 ex. do livro do Chefe Léo Borges Fortes «Provas de 2.ª classe»:
Sr. Armando Garcia Inácio, de Lisboa.

Prémio de 15 assinaturas angariadas — 1 ex. do livro do prof. Floriano de Paula «Para ser Escoteiro»:
Sr. António E. Pestana, do Funchal.

Prémio de 20 assinaturas angariadas — Uma bússola.
Sr. José Eduardo P. Ribeiro, de Lisboa.

(Conclui na página 2)

O Caminheiro e a Vida

Esta secção recentemente criada nas colunas do «Sempre Pronto» destina-se a estabelecer diálogo com os possíveis leitores, especialmente Caminheiros e Antigos Escoteiros. O que aqui se afirmar não é dogmático, admite discussão franca e sincera. Já foram publicados dois artigos focando dois problemas palpitantes, mas não nos chegou qualquer eco. Será que o silêncio significará concordância absoluta? Indiferença? Talvez desinteresse? Não sabemos senão que não recebemos qualquer notícia. No entanto, já aqui dissemos que não exigimos forma literária, mas simplesmente sinceridade de opinião orientada pelo espírito da Lei do Escoteiro.

Hoje vem aqui um Caminheiro fazer o seu depoimento. O assunto é palpitante. Já foi tratado nesta colunas com muita ponderação e profundidade, mas admite franca discussão. Esperamo-la. Que os nossos leitores não hesitem em mandar-nos as suas ideias, até mesmo para estímulo dos responsáveis por esta Secção.

DESPORTO E EDUCAÇÃO

Não pretendemos criar doutrina. Não desejamos sequer fazer crítica cerrada àquilo de que os outros gostam, apenas porque não nos agrada.

Queremos sim, no nosso desejo de aprender, porque a curta vida já vivida não nos proporcionou ainda os conhecimentos que a experiência nega à juventude, fazer um apelo aos educadores para que se combata um vício que se tornou, sem sombra de dúvida, um pernicioso locatário do espírito juvenil.

Temos ouvido e lido algo sobre *Desporto*. Este é-nos apontado como uma das mais salutares actividades do Homem, fonte de saúde, fonte de beleza, fonte de ciência. Com o Desporto os homens aprenderam a conhecer-se e a estimar-se. O Desporto desenvolveu os homens e uniu as nações.

Conta-nos a História que alguns países de antigas civilizações, entre os quais a Grécia — expoente máximo da perfeição humana —, tiveram no Desporto um dos mais preciosos auxiliares da sua imortalidade.

Cobertin, renovando os Jogos Olímpicos, viu neles um meio excepcional de comunhão entres os povos e uma grossa cadeia de contribuição para a Paz mundial, colocando, assim, o Desporto ao serviço dos homens e os homens ao serviço do *Desporto*.

Cremos que tudo isto é verdade, e nós próprios sentimos que a prática desportiva cria nos homens um elevado sentido de respeito pelo próximo e por si mesmo.

Achamos, porém, que aliar-se esta palavra a um *espectáculo* que actualmente apaixona muitos países do Mundo, e muito principalmente o nosso, não é mais do que roubar-lhe tudo o que a mesma pode ter de *beleza, cultura* e *amor*.

Referimo-nos evidentemente ao *futebol*.

Não ao *futebol-desporto*, que nasceu como todas as modalidades desportivas de um elevado conceito educativo, proporcionando aos seus praticantes, e até espectadores, momentos de rara beleza e fraternidade; mas ao *futebol-espectáculo*, que se joga por entre gritos, apupos e desordens; onde se movimentam milhões e onde os homens descem os mais baixos degraus da vileza e da mentira.

Porquê chamar-se a isso *Desporto*? Porquê enganarem-se os jovens que lêem nos livros ser o *Desporto* um dos fortes braços que elevam o Homem para maior perfeição.

Não enganemos a juventude sempre apaixonada e confiante. Chamemos-lhe antes *espectáculo*.

Porque *espectáculo* se chama também ao cinema, cujos protagonistas se fazem pagar principescamente, deitando mão a toda a sorte de publicidade para que o seu nome se torne conhecido.

Porque *espectáculos* se chamam às touradas onde um animal é enganado e maltratado por quantos o rodeiam. Porque *espectáculo* se chama ao circo, onde o palhaço finge aquilo que não sente e o ilusionista ludíbria, com os seus truques, o espectador confiante.

Chamemos, pois, *espectáculo* ao futebol, para que a juventude aprenda que o jogo serve apenas para recrear a vista e para os seus praticantes ganharem a sua vida de profissional.

Talvez que os jovens vindouros, assistindo a esse *espectáculo*, possam descobrir o que nele existe de grandioso, e queiram transformá-lo num *Desporto* saudável e edificante.

FALCÃO

• • o • •

HOMENAGEM Á MEMÓRIA DE BERNARDINO CORREIA

Uma deputação dos Grupos de Lisboa dos Escoteiros de Portugal esteve no Domingo, dia 6 do corrente, no cemitério do Alto de S. João, tendo colocado um ramo de flores no jazigo do antigo director da Companhia Colonial de Navegação, sr. Bernardino Correia, que foi um dedicado amigo dos Escoteiros.

Os escoteiros formaram junto ao jazigo e na presença de representantes da família do homenageado, tendo guardado dois minutos de silêncio em sua memória.

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De Luto—Vitimado por um lamentável desastre de motocicleta, faleceu em Maio passado João de Lima Pereira, irmão do nosso estimado amigo e correspondente em Vila Real de Santo António, sr. José Manuel Pereira, a quem apresentamos sentidas condolências. O falecido, que se encontrava no serviço militar, tinha conseguido, com notável dedicação, tirar o curso do magistério primário com a idade de 18 anos, promissora carreira interrompida por tão brutal desastre.

● Também se encontra de luto pelo falecimento de sua Mãe, ocorrido em meados de Maio passado, o nosso estimado assinante sr. Júlio Rocha Borges, tesoureiro da A. E. P., a quem apresentamos os nossos sentidos pêsames.

De parabéns — Encontra-se de parabéns o nosso estimado amigo e antigo-escoteiro Sr. João Carlos Saraiva Mamede, e sua Esposa Sra. D. Florentina Saraiva Mamede, pelo nascimento, em Maio passado, do seu primogénito João Pedro, a quem desejamos as maiores felicidades.

Doentes — O nosso estimado assinante Sr. João Bernardino Nunes, um bom amigo dos escoteiros, foi recentemente submetido a uma intervenção cirúrgica, que teve completo êxito, encontrando-se já em franca convalescença. Formulamos votos pelo restabelecimento completo.

De viagem — O Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto, Sr. Albano da Silva, esteve de viagem pela Inglaterra, Holanda e Bélgica, durante o mês de Junho passado. Como nota escotista interessante, devemos fazer referência à visita que este nosso amigo fez, em Inglaterra, a famílias que se relacionaram com escoteiros portugueses por ocasião do Jambori de 1920. Uma senhora, por exemplo, ainda pôde cantar de memória um coro evangélico que o escoteiro Sobral Martins lhe ensinou em português nessa data tão distante.

Centenário de Baden-Powell

(*Conclusão da página 1*)

CLASSIFICAÇÃO DAS PATRULHAS

Algumas patrulhas cooperaram directamente na Campanha de Assinaturas, merecendo por isso o nosso aplauso. Foi a seguinte a sua classificação:

Patrulha	«Cão»	—Grupo	94—18	assinat.
»	«Águia»	-- »	» —10	»
»	«Águia»	— »	60— 8	»
»	«Bisão»	— »	10— 5	»
»	«Lobo»	— »	8— 4	»
»	«Poupa»	— »	60— 2	»
»	«Lobo»	— »	60— 1	»
»	«Leão»	— »	8— 1	»

As duas primeiras patrulhas classificadas têm direito ao prémio das 10 assinaturas, um machado de campo, que lhes será entregue no dia 29.

* * *

As últimas assinaturas propostas foram angariadas pelos seguintes amigos:

Sr. José Eduardo Pena Ribeiro	1
Sr. João Constantino	1
Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal	16
Directamente	7

A todos agradecemos reconhecidos, particularmente à Direcção da Fraternal, que tão expressivamente cooperou nesta Campanha.

Tinham sido registadas 149, pelo que o total de assinaturas entradas durante a campanha foi de 168. Contudo, 20 assinaturas não foram pagas, portanto, o total da campanha ficou em 148 assinaturas. Ficámos muito longe do alvo da campanha mas foi uma efectiva contribuição para a estabilidade da publicação. Esperamos no entanto, que novos assinantes continuarão a afluir apesar da campanha ter terminado.

NA ROCHA DO CONSELHO

PROVAS DE «PATA TENRA»



Para fazer oficialmente parte da Alcateia, o aspirante deve prestar as seguintes provas:

1 — ESTÁGIO — Ter tomado parte durante dois meses nas reuniões da Alcateia e ter manifestado durante todo esse tempo o desejo de proceder— O MELHOR POSSÍVEL.

2 — HISTÓRIA — Conhecer a história de Maugli.

3 — BASES MORAIS — Saber de cor e compreender:

A Lei da Alcateia.
As Máximas da Selva.
A Divisa da Alcateia.
A Promessa.

4 — CERIMÓNIAS — Conhecer a saudação do Lobito e o Grande Uivo.

5 — OBSERVAÇÃO — Conhecer os seguintes sinais de pista: *Caminho a seguir, caminho a evitar, mensagem escondida, água potável, lenha boa para queimar, e fim de pista.*

6 — FORMATURA — Conhecer a maneira correcta de estar em sentido.

LEI DA ALCATEIA

O Lobito escuta o Velho Lobo.
O Lobito não se escuta a si próprio.

O Lobito escuta o Velho Lobo

Para percorrer a Selva é preciso ser-se prudente, conhecedor de todas as manhas para se caçar com êxito. Assim como os grandes exploradores para penetrarem nas selvas desconhecidas levavam consigo *guias*, homens experientes e conhecedores de todos aqueles caminhos, para serem conduzidos por eles, também necessitas de ter um guia, que te aconselhe e mostre o bom caminho. Esse guia será o Velho Lobo. E a voz do Velho Lobo é a voz de teus Pais, do teu Professor e da tua Aquelá.

O Lobito não se escuta a si próprio

Não deves seguir os teus pensamentos, mas escutar a voz prudente e experimen-

(Conclui na página 6)

«MAUGLI — O MENINO LOBO»

I

OS IRMÃOS DE MAUGLI

Era noite. Por toda a floresta, um silêncio impressionante, como se todos os seus habitantes tivessem adormecido.

Na cabana do pobre lenhador, o mesmo silêncio, às vezes interrompido pelo crepitar dos ramos tenros que ardiam na fogueira, à entrada da porta. Mas, de repente, o rosnido dum tigre, do cruel Shere Kahn, ouviu-se alongado pela floresta, desorientando os homens e as feras.

A fome e a vergonha de não ter conseguido caça, faziam-no mais feroz, mais terrível.

Todos os animais da Jangal sabiam que era perigoso caçar o homem. Mas o tigre, num desespero de faminto, atirou-se em direcção da cabana do lenhador.

Um uivo de dor saiu das enormes goelas: errando o pulo, precipitara-se na fogueira e queimara uma das patas.

O lenhador e os seus fugiram esbaforidos. Na precipitação da fuga, esqueceram o filhito de tenra idade.

Ao ouvirem os uivos, Pai Lobo e Mãe Loba saíram também para fora, mas ficaram espantados ao verem entre a folhagem uma coisa linda: um filhote de homem rosadinho e fresco, muito lindo, e que os olhava sem medo.

Impressionados, levaram-no cuidadosamente para o meio da sua ninhada.

A curiosidade do princípio deu lugar ao amor, e foi com verdadeiro amor que se resolveram a proteger o menino, como se fosse seu próprio filho.

— Chamar-lhe-ei Maugli — disse a Loba, aconchegando-o entre os seus filhos.

Mas Shere Kahn, entretanto, aproximara-se reclamando a criança.

Então a Loba, sôfrega como uma mãe, defendeu o seu Maugli das garras ferozes do tigre, obrigando-o a retirar-se envergonhado.

Maugli foi depois apresentado à Alcateia, como era tradição entre os lobos, para que estes conhecessem bem os filhinhos recém-nascidos e não lhes fizessem mal. Mais uma vez Mãe Loba e Pai Lobo puseram todo o seu amor na defesa daquela criança.

A voz de Aquelá, o Lobo Chefe, mandou que alguém falasse em defesa do menino.

Só Balú, o mestre dos lobinhos, estava pronto a defendê-lo. Mas Baguera, a Pantera, que vivera entre os homens, arriscou um resgate: — um touro que ela própria matara.

E assim, à custa do touro de Baguera e com o amor dos Pais Lobos, Maugli cresceu entre os animais. Todos lhe ensinaram as suas manhas, todos o aconselharam e todos lhe deram o seu amor.

Mas Aquelá envelhecia e Shere Kahn guardava o seu antigo ódio, jurando vingança.

Mais uma vez os conselhos de Baguera se fizeram sentir:

— «É necessário castigar Shere Kahn, fazer voltar os descrentes que o seguem e salvar o pobre Aquelá. Maugli, como homem que és, precisas de os assustar com a flor vermelha».

Maugli sabia que a flor vermelha era o fogo, desceu à aldeia e conseguiu trazer algumas brasas. Quando o Conselho se reuniu para decidir a sua sorte e a de Aquelá, Maugli ateou o fogo como lhe ensinara Baguera. Então os lobos, que se tinham revoltado e Shere Kahn que os levara à revolta, fugiram aos uivos de dor.

Maugli então chorou pela primeira vez na sua vida por ter que abandonar os seus amigos, os únicos que conhecera.

Era manhã quando Maugli deixou a montanha dirigindo-se à aldeia onde moravam as misteriosas criaturas chamadas homens.

Versão condensada de um capítulo de «O Livro da Jangal», de Rudyard Kipling, por Mariana Saragoça.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

Obrigado pelas tuas palavras àcerca da tua página. Procuraremos seguir as tuas ideias e esperamos que esta será, de facto, a tua página. Mas para isso exigimos que nos escrevas expondo-nos os teus pareceres, as tuas discordâncias, as tuas ideias. É preciso que nos digas com toda a clareza aquilo que gostarias de aqui encontrar, e não encontras, e aquilo que entendes não ser aqui necessário e deve desaparecer. Mas, francamente, se não nos deres a conhecer o teu pensamento esta página nunca será aquilo que desejarias.

Escreve, pois, e dispõe sempre do

Teu Amigo
LOBO VELHO

INSÍGNIAS DE APTIDÃO

NADADOR

Insígnia: *Uma figura de nadador.*

1) Nadar vestido 50 metros (mínimo de vestuário: Camisa, calções, alpergatas e meias).
2) Despir-se dentro de água sem que os pés toquem no fundo.
3) Nadar 30 metros de bruços, 30 metros de costas e 30 metros em qualquer outro estilo, num total de 90 metros.
4) Saber mergulhar e ser capaz de apanhar objectos que se encontrem a uma profundidade mínima de 2 metros.

MESTRE-NADADOR

(Para maiores de quinze anos)

1) Nadar 100 metros em qualquer estilo.
2) Nadar 1/2 milha no mínimo (805 m.)
3) Executar os seguintes mergulhos:
   a) Correndo da praia para dentro de água;
   b) Correndo numa prancha que esteja pelo menos 3 m. acima do nível da água;
   c) Com perfeição de um trampolim.
4) Realizar um número cómico em mergulho ou natação ou debaixo de água.

PONTES

É para ti meu caro *explorador* que abrimos esta Secção.

O verão está próximo e o campo convida-te à actividade e ao jogo. Tens agora oportunidade de pôr em prática todos os conhecimentos que durante o Inverno adquiriste nas reuniões efectuadas na Sede.

A par de tais conhecimentos, queremos ajudar-te a adquirir outros que só a prática, no campo, te pode proporcionar.

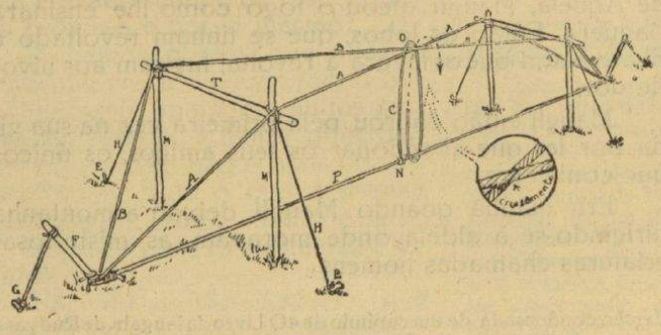
Por hoje vamos tratar de *pontes*.

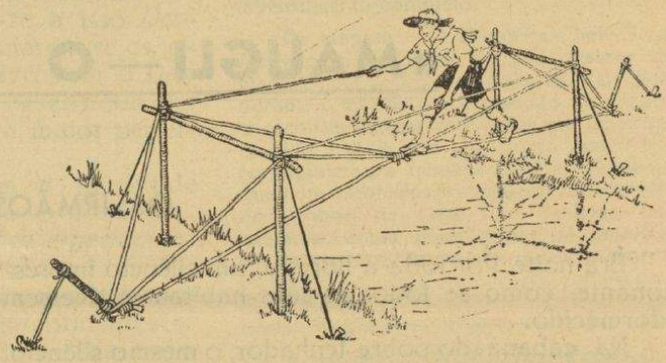
É a construção de pontes uma das mais interessantes aplicações da técnica escotista. Os caminheiros, mais práticos, constroiem-nas dos mais variados tipos, desde as mais frágeis pontes de espias e varas às sólidas pontes de madeira.

Apresentamos hoje um modelo de fácil construção mas de óptimos resultados, próprio para uma patrulha de *exploradores* que se inicia na construção de pontes.

Material a empregar — São aplicadas todas as varas dos escoteiros da patrulha (8), tornando-se ainda necessário 3 espias grossas, 6 estacas e algumas espias de menos espessura a empregar em laços e nós. As estacas devem ser de madeira e bastante resistentes, podendo ser feitas com madeira do próprio local.

Construção — A patrulha deverá dividir-se em dois grupos, colocando-se um grupo em cada margem do rio, em local que não exceda três metros de largo, dedicando se cada grupo à execução de uma espécie de pórtico, tratando de consolidá-lo o melhor possível.





Duas varas em prumo *M*, são sòlidamente amarradas em cruzeta a uma vara transversal *T*. Dois esticadores laterais *H*, presos às estacas *E*, auxiliam a tornar mais firme a construção.

A cerca de 3 passos do meio do pórtico, enterra-se no chão, até metade do seu comprimento, uma vara de escoteiro *F*. Uma espia, bem esticada, prende a parte superior desta vara a uma estaca *G*, dando lhe assim maior firmeza.

Até aqui todos os trabalhos são executados independentemente por um e outro grupo, devendo existir sempre a preocupação de que todos os nós fiquem bem apertados e as espias muito esticadas.

Passam depois os dois grupos a trabalhar em conjunto.

(Conclui na 8.ª página)

PASSOU-SE HÁ MUITOS ANOS...

BOA PRECAUÇÃO

Isto foi, talvez, em 1943. Os grupos 13 e 94 foram convidados pelo Chefe Regional a realizarem um acampamento de cooperação com o Grupo 16 de Carcavelos, a fim de tentar dar ânimo a este grupo que se encontrava no princípio de uma fase de reorganização.

O acampamento efectuou-se num pinhal junto à fortaleza de S. Julião da Barra e foi uma actividade muito agradável. Num sábado à noite, um dos responsáveis pela alimentação, que possuía um saco com costeletas, tentou deixá-las num lugar fresco e *onde as formigas lhe não chegassem.* Pendurou por isso o saquinho no eixo do carro de material.

Êxito absoluto: As formigas não conseguiram alcançar as costeletas, mas um cão que visitou o acampamento durante a noite deixou lá ficar apenas a boca do saco.

Não queiram saber a paródia que foi feita à alvorada! Recordam-se?...

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

V

A Segregação Racial pode considerar-se o desenvolvimento da doutrina do Racismo, aspecto que modernamente revestiu o velho Anti-Semitismo. Enquanto este se traduziu em ódio ao Judeu, o Racismo visa ao aperfeiçoamento da raça pelo afastamento de todos os elementos capazes de perturbarem ou poluírem a sua pureza, ideia irrónea, quer do ponto de vista antropológico, quer simplesmente humano.

Diz-nos a Antropologia que hoje não existe nenhuma raça pura, depois das misturas operadas no decurso dos séculos, tantas das quais alteraram profundamente os caracteres das várias raças.

A Moral não admite que possa considerar-se inferior um raça qualquer, se por tal termo se entender que há raças sem quaisquer direitos humanos.

Cristo, lembrámo-lo já, ao enviar os seus discípulos a divulgar o Evangelho, disse-lhes: — «Ide e pregai a *todas* as gentes». A Declaração dos Direitos do Homem, por sua vez, consignava no seu artigo 1.º que «os homens nascem livres e iguais em direitos», sem descriminar que fossem estes ou aqueles. Desta forma a Revolução Cristã e a Revolução Francesa irmanam-se no mesmo ideal de considerarem *todos* os homens iguais, sem quaisquer diferenças que possam distinguí-los, separá-los ou submetê-los a quem se suponha seu superior por qualidades arbitràriamente fixadas.

Até à questão Dreyfus, a Segregação Racial aplicou-se quase exclusivamente aos Judeus, enquanto em Portugal tempo houve em que também os Mouros foram abrangidos por ela, como ainda nos recorda, pelo menos, a decantada Mouraria de Lisboa.

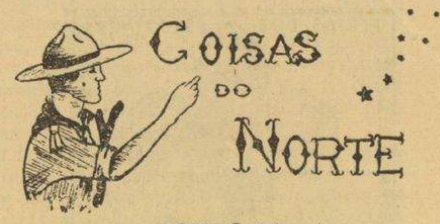
Mas antes de se desencadear essa violenta questão que teve a França a dois dedos da guerra civil, começara já a aplicar-se aos Negros, considerados verdadeiros animais e como tal tratados em alguns países onde dominava o preconceito racial. Este racismo de novo género teve início, ao que parece, nos países habitados por povos de extracção anglo-saxónia: em alguns domínios ingleses da África e das Antilhas e, sobretudo, nos Estados Unidos da América do Norte.

O Negro foi levado para a América do Sul primeiro pelos Portugueses, e para a América do Norte pelos Ingleses, aqueles para os utilizarem nos «engenhos» do açúcar ou nas plantações do café, visto lhes ser impossível utilizar os índios brasileiros refractários a todo e a qualquer trabalho servil; estes para os obrigarem ao trabalho nas plantações do tabaco da Virgínia e do algodão no sul. A indolência do Branco nos climas tropicais e a docilidade do Negro foram a causa da moderna escravatura, que, se não fomos nós a iniciar por ser muito anterior à existência de Portugal como nação, introduzimos na Europa já na primeira metade do século XV quando em vida de D. Henrique se realizou em Lagos o primeiro mercado de escravos negros, cuja descrição ainda hoje nos comove.

A escravização do Negro, digam o que disserem os modernos panegiristas do Infante, justifiquem-na como quiserem os economistas ou os historiadores, é uma das manchas da nossa história secular, por ter aberto o caminho a todas as violências, prepotências e vergonhas que os séculos têm testemunhado desde então. É certo que fomos dos primeiros povos a abolir a escravatura na Europa e o nome ilustre de Sá da Bandeira ficou para sempre ligado ao decreto com que alforriou os negros dos nossos domínios ultramarinos. Resgatámos, assim, um pouco do mal que havíamos feito quando começámos as correrias às costas da Guiné à procura de escravos, não podendo mesmo considerar-se tal crime menos feio pelo facto, salientado com ênfase pelos panegiristas do Infante, de este os mandar prender para os baptizar, como se os ideais transcendentes do Cristianismo, que ainda tantos brancos se mostram incapazes de compreender em toda a sua profundeza, pudessem entrar na cabeça dum negro preso a preconceitos seculares e sob o forte influxo das limitações ancestrais, apenas por efeito da água-benta que lhe lançassem sobre a carapinha.

Poderia tal atitude ser corrente no tempo, pois não se encontram nos cronistas quaisquer vislumbres de censura ou reprovação a demonstrar que o processo era condenável; estava ela, porém, em contradição manifesta com os ditames do Cristianismo e com as palavras de Jesus,

(*Conclui na página seguinte*)



GRUPO N.º 4

Aniversário do Grupo — Pela passagem do 21.º aniversário deste Grupo, realizou-se um acampamento no lugar da Circunvalação de S. Mamede, no dia 25 de Maio. Embora o mau tempo se fizesse sentir, os escoteiros não esqueceram o 8.º Artigo da Lei, sendo de louvar o seu comportamento. Há tarde, procurando-se um pequeno intervalo com bom tempo, foi servido pela Direcção a todos os presentes uma rica salada de bacalhau, que muito agradou, seguida da festa de campo. Os escoteiros e dirigentes do Grupo, reconhecendo os relevantes serviços prestados pelo Sr. Humberto Barbosa ao Grupo, ofereceram-lhe, após uma ligeira homenagem, um ramo de flores com uma fita autografada e um lindo emblema de lapela em ouro. O Sr. H. Barbosa sublinhou, comovidamente, que a simpatia que nutria pelo escotismo — pois lá tinha passado a sua infância — era o motivo por que não se poupava a esforços e, dentro das suas possibilidades, tudo faria para engrandecer uma Obra de salutares lições para os rapazes e para bem de um Grupo por que manifesta a sua maior admiração, quer nas pessoas da sua Direcção, quer nas dos escoteiros, a quem dedica o seu melhor afecto.

Novo uniforme e outros melhoramentos — Por acordo entre os Chefes dos Grupos desta Região, realizou-se no passado dia 1 de Junho a inauguração dos novos uniformes dos escoteiros, num total de 30. Estes novos fardamentos, de tom amarelo-verde, timbram pelo bom gosto, oferecendo um conjunto de aspecto admirável.

Por se encontrarem impróprias as tendas em existência neste Grupo, foram estas substituídas por novas, sendo mandadas confeccionar numa casa da especialidade e na cor do tótem do nosso Grupo, nas medidas de 2 x 2 metros com 1,40 de alto. Integrado no mesmo programa de trabalhos, foi a Sede deste Grupo beneficiada também com luz fluorescente e outros melhoramentos. A Direcção deste Grupo aproveitou o ensejo para apresentar ao Sr. Humberto Barbosa os melhores agradedimentos pela valiosa comparticipação, sem a qual não seria possível realizar-se tão grande empreendimento.

Dia de Portugal — Comemorando-se este dia, foi levada a efeito na Sede uma cerimónia, sendo posta em relevo a figura de Luís de Camões. Depois de ratificarem os compromissos de honra os Chefes de Divisão deste Grupo, procedeu-se a um desfile, que despertou no público bastante curiosidade não só pelo novo fardamento como também pelo garbo dos escoteiros.

• • o • •

Patrulha «Cão» do Grupo N.º 94

«Sempre Pronto» está devendo um útil serviço aos rapazes da «Cão» do grupo 94 da Ajuda. Sob a orientação do guia António da Encarnação Amêndoa, que à patrulha dedica o maior entusiasmo e saber, os membros desta patrulha tomaram a seu cargo a conservação das gravuras que são utilizadas no nosso jornal, preparando-as devidamente para que possam ser classificadas e guardadas.

A redacção agradece reconhecida a esplêndida colaboração que lhe tem sido dispensada pela patrulha «Cão», que comemora este mês o 24.º aniversário da sua fundação.



A Comissão de Educação Cristã da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal contribuiu com 500$00 para as despesas deste acampamento, que se realizará em Alhadas, perto da Figueira da Foz, onde a Igreja local espera os escoteiros com o maior interesse.

O grupo 94 prepara activamente a sua participação neste acampamento, que será inaugurado em 24 de Agosto. Para este fim, o grupo promoveu uma grande campanha para recolha de papéis velhos e sucatas, na qual cooperaram famílias dos escoteiros e pessoas amigas, tendo sido recolhidos cerca de 1 tonelada de papel velho, muitos quilos de jornais, 100 quilos de trapo, 50 quilos de ferro, 20 quilos de outros metais e muitas garrafas. O produto da venda destas sucatas reverterá inteiramente a favor das despesas com o acampamento.

DOS AÇORES

Grupo 52 — Angra do Heroismo

NOVA DIRECÇÃO

Para o biénio de 1958/59, foram eleitos os membros da Direcção do Grupo 52 de Angra do Heroísmo, que ficou assim constituída:

Dr. Henrique da Costa Brás — Presidente;
Virgílio Oscar Pires Toste, Vogal;
Artur Moniz Silva, Vogal;
António Deodato Ferreira, Vogal;
Dr. Henrique Henriques Flores, médico do Grupo.

A Direcção foi já homologada pela Direcção da A. E. P.

O «SEMPRE PRONTO»
Vende-se na «Agência EVA»
Rua Nova do Almada, 68
LISBOA

D. BERTA CRAVEIRO LOPES

O Sr. Presidente da República, General Craveiro Lopes, encontra-se de luto pelo falecimento de sua dedicada Esposa, acontecimento que contristou profundamente todos os Escoteiros e Antigos Escoteiros de Portugal, pois a ilustre Senhora nutria pelos Escoteiros a maior simpatia, várias vezes demonstrada no tempo em que o Sr. General Craveiro Lopes era um dedicado dirigente dos Escoteiros de Portugal na Índia Portuguesa.

«Sempre Pronto» expressa ao Sr. General Craveiro Lopes e a sua família o seu muito pesar.

Anti-Semitismo, Racismo e Segregação Racial

(Conclusão da 5.ª página)

que tanto aconselhara a pregação e a reforma interior como único meio da conversão.

Foi com este espírito estreito, tacanho e intolerante que, no final do século, se colocariam os Judeus entre as duas pontas do dilema: ou a conversão ou a expulsão. O espírito era o mesmo, os processos é que diferiam um pouco. Fosse como fosse, o facto é que começaram os escravos negros a pulular no país e em tal escala que todos os estrangeiros que a partir desse tempo nos visitaram não deixaram de salientar a abundância do número de negros em Lisboa, a ponto de lá fora chegarem a supor negros os Portugueses...

Iniciada a exploração agrícola do Brasil exactamente onde o clima é mais inclemente — Pernambuco, Baía e regiões do nordeste do Brasil actual — logo se verificou a necessidade da importação da mão de obra para os engenhos do açúcar, visto ao Branco ser impossível trabalho tão violento sob clima tão duro. O Índio, dissemo-lo já, cioso duma independência multi-secular, era indócil, e, quando por acaso escravizado, raro trabalhava, logo fugindo. E começou então o rendoso negócio do «pau de ébano», que fez andar as naus em constantes travessias de Angola para as praias brasileiras nesse odioso comércio dos escravos que duraria quase até à proclamação da República Brasileira.

Mas apesar de tudo o Português, que escravizara o Negro e tantas vezes o maltratava, não deixou de o associar à sua vida, por vezes em intimidades pouco aconselháveis, exercendo os negros os misteres mais variados, quer em Portugal, quer no Brasil, mas sem quaisquer disposições legais ou preconceitos correntes que os conservassem à distância como pestíferos ou leprosos.

Os negros exerciam misteres servis em casa, acompanhavam como aios as donzelas às devoções, serviam de intermediários para as cartas de namoro, chegavam mesmo a amantes estimados por aquelas raparigas de temperamento ardente e que gostavam dos excitantes exóticos...

Pelas ruas a cada passo se deparavam negros «andadores das almas», se encontravam charangas de negros a acompanhar o Viático, se viam os negros caiadores, vestidos completamente de branco empunhando a brocha e sobraçando o escadote, enquanto outros mendigavam empurrando o realejo em que iam moendo qualquer canção em voga ou o gemido «lundum» tão apreciado pelo povo.

Dentro de casa as negras e as mulatas eram legião e serviam para tudo, mesmo para aquilo que a dignidade manda calar. E Beckford e outros estrangeiros, que antes e depois dele nos visitaram, não se esquecem de salientar a promiscuidade caseira de damas, donzelas e negras, descrevendo todos como frequente esse espectáculo indecoroso de as senhoras serem despiolhadas pelas escravas negras, todas sentadas no chão à moda oriental, como se Lisboa fosse cidade marroquina, da costa da Barbaria ou do Levante!

Só esporàdicamente, apesar de tudo, houve entre nós segregação racial em relação aos negros escravos, pelo que, abolida a escravatura, quase não se sentiu transição sensível, visto os Portugueses estarem havia muito tempo habituados ao convívio com os negros, que não encontraram dificuldades de maior quando a Lei os equiparou em direitos aos seus antigos senhores.

O VELHO LOBO NEGRO DO NORTE
E. C. D.

NA ROCHA DO CONSELHO

(Conclusão da página 3)

tada do Velho Lobo. Quando caçares, faz como ele te ensinou. Rasteja devagar, muito mansamente, para que a tua presa não fuja. Não te escutes, nem te deixes influenciar pelos teus companheiros, tão inexperientes como tu, mas ouve a voz do Velho Lobo.

AS MAXIMAS DA SELVA

O Lobito pensa em primeiro lugar no próximo.
O Lobito abre os olhos e apura os ouvidos.
O Lobito está sempre asseado.
O Lobito diz sempre a verdade.
O Lobito está sempre alegre.

ANGRA DO HEROÍSMO (AÇORES)



O Escoteiro-Chefe Moniz Silva condecora o Escoteiro-Chefe Americano Fritz Pfingsten, que regressou aos Estados Uuidos (Ver notícia no «Sempre Pronto» de Junho)

A TANGRA DO HEROÍSMO (AÇORES)



Os Escoteiros-Chefes Moniz Silva, Fritz Pfingsten, e o representante do C. N. E. executam a cadeia de fraternidade e cantam a Canção do Adeus por ocasião da sessão de despedida a que nos referimos no último número.

PROVAS DE 1.ª CLASSE

O CORPO HUMANO

pelo Esc.-Chefe ANÍBAL RAMOS
Professor de Educação Física (I. N. E. F.)

13—*Noções elementares sobre o corpo humano.*

I

GENERALIDADES

O homem é, de entre todos os seres vivos, a máquina mais maravilhosa que Deus jamais criou. O seu corpo distingue-se pela delicadeza, complexidade e harmonia das diferentes partes que o constituem.

Exposto a contínuas perturbações, quer motivadas por causas aparentemente fúteis, quer por sucessivos erros que pratica contra a saúde, ele consegue reconstituir-se fàcilmente.

Não menos curioso, é também o seu poder de resistência às mais duras provas impostas pela natureza, provas inexoràvelmente mortíferas para quaisquer outros animais.

A faculdade de se adaptar continuamente aos maiores extremos de temperatura ambiente e a climas intensamente secos ou húmidos, assim como a posse do raciocínio e da posição de pé, em que se desloca, deram-lhe possibilidades tão elevadas, que lhe permitiram transformar, em seu único benefício, quase a totalidade das forças terrestres, marítimas e aéreas.

Enquanto qualquer engenho, por mais aperfeiçoado que seja, requer assistência e reparações contínuas, inutilizando-se ao cabo de poucos anos de serviço, ou mesmo de repouso, no homem vivo, toda a sua força criadora tem a enorme virtude de se mostrar auto-elaborada e incessante.

É ele próprio que se alimenta do combustível adequado, lubrifica, repara e substitui por novos seres da mesma espécie. Para produzir trabalho, não carece, como os sistemas de sua invenção, de ser abastecido a miúdo de material energético. O resultado de experiências recentes prova esta afirmação, visto ter ficado demonstrado haver quem possa deixar de beber pelo espaço de setenta e duas horas e de ingerir alimentos sólidos durante trinta e um dias, sem parar de produzir calor, o mesmo é dizer, energia criadora.

Contraste de igual categoria se observa no movimento pois que, por imperativo vital, a máquina ver-se-á obrigada a suspender periòdicamente o seu labor. Se o não fizesse, o desgaste e empeno das peças componentes, a curto prazo levá-la-iam à própria ruína. O organismo humano, pelo contrário, nem uma só hora poderá imobilizar-se. Mesmo dormindo, os seus membros ora se distendem, ora se flectem, o coração bate sem descanso, os intestinos mantêm os característicos movimentos ondulatórios, os pulmões, a cada tempo respiratório, modificam o volume do ar que contêm, a composição química deste, a posição das costelas e do esterno. É bem certo que para o homem, a ausência de movimento traduz infalìvelmente a morte.

Embora muitas espécies animais utilizem os sons para se comunicarem, nenhuma, além da humana, se expressa por meio da linguagem articulada, único modo perfeito de o fazer.

Ao seu uso deve o homem quase a totalidade dos vastíssimos conhecimentos que possui em todos os ramos, adquiridos na tradição e experiência, através dos tempos, sempre aumentados de geração em geração.

A fala e a escrita, auxiliadas pelos sentidos, principalmente o auditivo e o visual, conjuntamente com os movimentos ritmados das diferentes partes do corpo, geram no cerébro humano manifestações de inteligência de tal modo profunda e lúcida, que jamais ser algum poderá igualá las.

Ao passo que o tempo e a função diminuem as possibilidades dos corpos inorgânicos, mesmo construídos com o mais puro diamante ou bem temperado aço, no homem, os mesmos factores comportam-se de modo inverso. Promovem a evolução dos órgãos, o crescimento do corpo e o desenvolvimento da consciência — atributo que só a si pertence. Também a irradiação do calor humano, exceptuando os trópicos, manifesta-se sempre superior ao do ar ambiente ao qual, como qualquer corpo aquecido, transmite calor.

Contudo, se o homem, confiado na sua resistência quase ilimitada, quiser viver longa vida, terá que obedecer escrupulosamente às leis da natureza, pois que, por vezes, basta a inobservância da mais insignificante para tombar.

(Continua no próximo número)

REALIZAÇÃO DE UM HERBÁRIO

pela Dr.ª LÍDIA DE MEDEIROS
Biologista

19 — *Organizar uma colecção de 20 folhas de árvores e arbustos, ou apresentar qualquer outro trabalho sobre assunto da história natural.*

A organização de um herbário, além de constituir um passatempo agradável, apresenta também um interesse incalculável para o conhecimento das espécies vegetais dos nossos territórios. O Escoteiro, mais do que qualquer outro indivíduo, pelo seu contacto mais íntimo com a Natureza, está em perfeitas condições para poder realizar tão útil trabalho, além de que também poderá beneficiar dos ensinamentos que o conhecimento das diferentes espécies lhe poderá fornecer. Para que a utilidade deste estudo seja uma realidade é necessário colher-se todos os elementos de determinada planta que permitam fazer posteriormente o seu estudo sistemático e prepará-los de modo a que se mantenham em bom estado de conservação. São três as fases de realização de um bom herbário:

1.ª — Colheita da planta atendendo a dois princípios fundamentais: se a planta for herbácea, de pequeno porte e não muito frondosa, colhe-se completa (com raiz, caule e folhas e, tanto quanto possível, também com a flor e o fruto), e assim é preparada (1). Se se tratar de plantas de grande porte e, inclusivamente, de árvores e arbustos, apenas se colhem as diferentes partes da planta com interesse sistemático, isto é, um pequeno ramo para mostrar a inserção das folhas e a sua forma, cor, etc., e também a flor ou inflorescência e o fruto. Simultâneamente e referente a cada uma das plantas colhidas para estudo se anotam os restantes dados que dizem respeito ao hábito da planta, isto é, se é herbácea, sublenhosa, ou lenhosa, se é erecta, rastejante ou trepadeira, se é ramificada e qual o tipo de inserção, isto é, se é axilar, se é alterna, que cor apresenta quando jovem e se esta se modifica com a idade, etc.. Também é de interesse mencionar qual o meio ambiente onde é encontrada determinada planta: se é à beira de água, se em solos arenosos, ou pantanosos ou térreos, se no vale, se na montanha, etc.. No caso de se tratar de árvores ou arbustos é conveniente mencionar-se todas as características do caule e se possível da raiz. Todos estes dados deverão acompanhar a planta ou porções da planta que faz parte de um herbário.

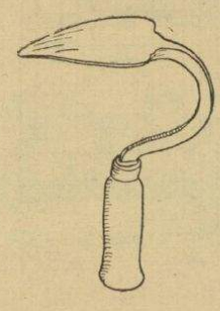


Fig. 1

O transporte das diferentes plantas colhidas numa excursão até ao acampamento pode ser feito dentro de telas de plástico de 1,5 x 1,5 m. nas quais se vai envolvendo o material à medida que vai sendo colhido, conforme é preconizado por alguns autores. Estas telas de plástico substituem muito vantajosamente as habituais caixas de herborizar, em folha, que se podem transportar a tiracolo.

Em cada uma das plantas ou porções de uma mesma planta, deve colocar-se, imediatamente após a colheita, uma pequena etiqueta (simples retângulo de cartolina preso por um fio duplo como se representa na fig. 2), na qual se inscreve

(Conclui na página seguinte)

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS



QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA



Fig. 2

um número de ordem, número esse que será inscrito num livro ou caderno de apontamentos com todos as indicações que se julgar úteis dentre as que já atrás mencionámos.

Os frutos, sementes, bolbos e outras partes da planta fàcilmente destacáveis serão transportados em cartuchos de papel, com o mesmo número de ordem da respectiva planta.

2.ª — Colhidos todos os elementos referentes a determinada planta, torna-se necessário prover à preparação e secagem do material colectado. Para isso usa-se umas pastas grandes de rede metálica com as dimensões aproximadas de 30x44 cm, apertadas por correias com fivelas (2). As plantas ou porções da planta são então devidamente dispostas entre folhas de papel branco absorvente (por ex. papel de imprensa que dobrado a meio deve ter as mesmas dimensões das redes) e estas por sua vez são separadas umas das outras por jornais que se substituem todas as 24 horas até completa secagem das plantas. O conjunto conserva-se sempre bem apertado entre as duas redes metálicas, por meio de correias como atrás mencionamos. As plantas muito frágeis, inclusivamente as aquáticas, deverão passar imediatamente para as pastas de compressão e secagem.

3.ª — Agora que todas as plantas já se encontram perfeitamente desidratadas e portanto aptas a serem guardadas sem perigo de deterioração, vamos proceder à última fase do nosso trabalho, isto é, vamos dispor cada uma das plantas sobre uma folha de cartolina de 28x44 cm. aproximadamente à qual se fixa de onde em onde por meio de pequenas fitas adesivas transparentes (fig.) 4.

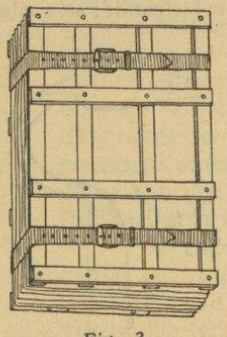


Fig. 3

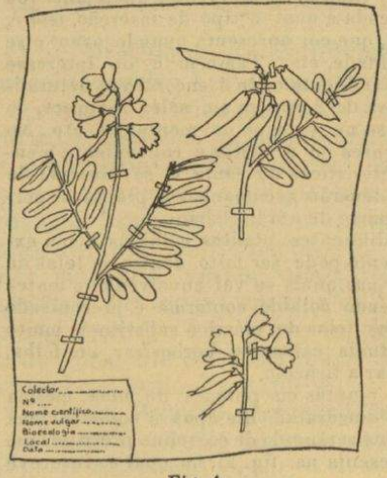


Fig. 4

Cada uma destas folhas será finalmente arquivada numa mesma pasta de cartão havendo o cuidado de as separar umas das outras por uma folha de papel dobrado pelo meio e, assim, depois de todas as plantas estarem devidamente classificadas, podereis dispor de um belo álbum por vós construído, ao qual podereis juntar as qualidades de cada uma das plantas que o compõem e que vos poderão elucidar dos benefícios que elas vos poderão prestar ou do perigo que podereis correr se as utilizardes na vossa culinária ou na vossa farmácia.

PONTES

(*Conclusão da página 4*)

Na base da vara *F*, de uma margem, ligam-se duas espias *A* e *B*, que passando pelos cantos superiores dos pórticos, são lançadas, cruzando-se em *O*, para a margem fronteira, onde serão fixadas à outra vara *F*.

Um cabo *P*, é também lançado para a outra margem, amarrando-se, igualmente, depois de bem esticado, na base das varas *F*.

Ligam-se com uma espia os extremos superiores das varas *M*, formando assim um corrimão.

O escoteiro mais lesto da patrulha deverá deslocar-se até ao ponto *N*, a meio do cabo *P*, ligando com uma pequena espia aquele cabo ao cruzamento *O*, unindo-o em seguida sòlidamente.

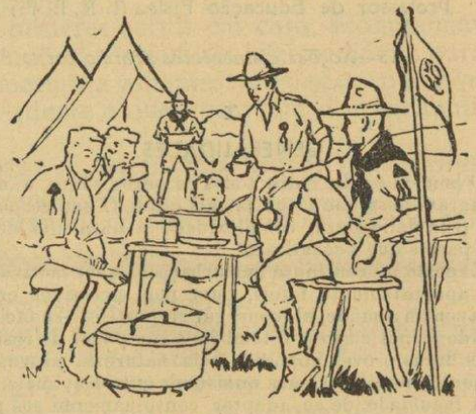
Este trabalho também poderá ser executado de dentro do rio, se este não for muito profundo.

Agora mãos à obra e verás que dentro em pouco se te tornará fácil aquilo que agora te parece tão difícil.

Para tanto bastará que observes sempre o maior cuidado e atenção na execução dos teus trabalhos.

M. G.

TECNICAMPO



TODO O MATERIAL PARA ESCOTEIROS

Apitos simples e com bússola — Facas de mato com bainha — Pás picaretas — Cantinas para 5 e 6 pessoas — Frascos de alumínio e de plástico — Mesas — Bancos — Tendas, etc.

Rua da Conceição, 13, 1.º / Telef. 21917 / LISBOA

Bibliografia:

Carvalho e Vasconcelos, João de: Noções sobre a Morfologia Externa das Plantas Superiores. Lisboa, 1944.

Neves, J. Barros e Rodrigues, J. E. de Mesquita — Instruções para a Colheita, Preparação e Conservação de Colecções Vegetais. Anuário da Sociedade Broteriana — Coimbra, vol. XXIII, pg. 19,1957.

Pereira Coutinho — Flora de Portugal.

(1) — Para se desenraizar com facilidade pequenas plantas, pode utilizar-se um pequeno sacho como o representado na fig. 1. De maneira alguma se deve arrancar à mão para não a quebrar.

(2) — Pode substituir-se as redes metálicas por duas grades de madeira rectangulares que se podem apertar por meio de correias ou simples cordas. (fig. 3).